

Macongiadas

Rui Ferreira Coelho
César Paulo da Silva



Canto

Primeiro

Canto I

I

Os feios e galãs assinalados
Que em macongino reino agora existem,
Nunca deixam de andar apaixonados
E apesar das tampadas não desistem
Das asas arrastarem excitados,
Pois conseguem aquilo em que persistem.
Entre as moças bonitas alcançaram
Novas façanhas que todos espantaram.

II

Não só as conquistas amorosas
Que aos corações vão dando alegria,
(Se o mundo é para eles um mar de rosas
E aquelas são o pão de cada dia)
Mas também as serenatas maviosas
Dessa gente de heroica valentia.
Tudo direi de forma bem sucinta,
Se me chegar papel, engenho e tinta.

III

Cessem de americanos as ideias
De terem as mulheres mais bonitinhas
Temos é certo, algumas muito feias
Mas muitas outras belas e girinhas,
Tão lindas como rosas ou sereias,
Peixões bem superiores às francesinhas
Pois Maconge apesar de pouca idade,
Andou em graça mais que em fealdade

IV

Queria cantar em versos sonorosos
Os feitos magistras dos maconginos,
Os feitos de efeitos estrondosos
Dum povo de valentes paladinos,
Este povo de homens temerosos,
Espertos, sabedores e muito finos
Que lançaram no outro e neste mundo
Os traços de um civismo bem profundo.

Canto I

V

Mas para resolver esta maçada
De que D. Caio – o Rei – me incumbiu,
Invoco as musas pois está já esgotada
A veia que outrora distinguiu
Camões, Bocage e toda a mais «cambada»
De poetas que na terra já se viu.
Se por eles conseguir ser atendido
Satisfarei do Rei o seu pedido.

VI

Dai-nos pois uma fúria inimitável
E não a dum piano escangalhado,
Mas sim a dum trombone formidável
Como aquele do Parreira, «surdo» ousado.
A vossa acção será então louvável
E Maconge p'los outros aclamado.
Que se lance e se cante na cidade
Actos de tão grande temeridade

VII

Vós sois, ilustre Rei, o descendente
Da família dos Césares chamada;
Não da Roma que havia antigamente
Mas sim da dos Silveiras cá formada.
Tendes palácios onde mesmo em frente,
Com vossa permissão nunca negada,
Em pelta se banha o vil gentio
Nas águas do Mapunda, enorme rio.

VIII

Como sois um estudante exemplar
Da cabulice amigo dedicado
Os mestres resolveram premiar
O aluno mais antigo e calejado,
É só esta a razão de lamentar
Porque já foste muita vez «chumbado».
Mas não vos importeis, de não ser um urso,
Pois cadeira a cadeira, faz-se um curso!

Canto I

IX

E a vós, maconginos companheiros
Das célebres paródias da noite alta,
Vós que nas aulas éreis os «primeiros»
Mas que toda a semana dáveis faltas,
A vós que ereis espertos e matreiros,
Melhores dentre os melhores de toda a malta
Vos dedicamos est'obra para lerem
P'ra não mais de Maconge se esquecerem.

X

Já pela rua vão os estudantes
Em grupos conversando mui contentes.
E uns nas boas notas confiantes
Não sentem da raposa já os dentes.
Outros há que dos grupos vão distantes
Por causa das más notas dos seus «lentes».
Triste fim o deste ano de canseiras
Que nós passámos todo em brincadeiras!

XI

As «feras» no Liceu vão reunir.
Na mão a muito suja caderneta
Todos vão preparados para abrir,
E p'ra mandar a malta p'ro maneta.
Alguns começam já por se sorrir,
E trocam impressões. Mas a sineta
Ordena que comece a reunião,
E p'ra mesas calados todos vão.

XII

Lá estava o reitor alto e corcovado
Ao peso da «bicanca» mui comprida
E também o Mendonça já sentado
A pança tendo ao alto muito erguida.
O Miranda de pé estava apoiado
Naquelas suas pernas de torcida.
Enfim, lá estavam todos os algozes
Que nos fazem sofrer dores tão atrozes.

Canto I

XIII

Mas já dum canto eleva a voz pausada
Aquele de todos mais esclarecido.
E co'uma calma já bastante usada
Diz o pedante muito convencido:
«Benevolência, não demasiada
Pois o estudante fica aborrecido».
Este conselho assim tão indecente
Faz com que chumbe quase toda a gente.

XIV

E depois de tão bem aconselhados
Começam nossos mestres a ditar
As notas que nos deixam mui zangados
Quando na pauta as vamos encontrar,
Rompe a série os noves esfaimados
Do Mirandinha que nos quer chumbar,
Mas tendo em dois períodos boas notas
Bem longe estamos de ir consertar botas.

XV

Agora o Paiva Júnior que é bondoso
Começa a ditar notas mui honrosas.
Mas vem longe o Mendonça pavoroso
E... oh! desdita! Cita-as vergonhosas.
Ao pensar nisto fico bem choroso
Por ver que nem com cábulas manhosas
Conseguimos pôr fim ao nosso estudo.
E junto à pauta eu fico quedo e mudo.

XVI

Da matança porém o fim chegou.
Na pauta escreve agora o bom Vieira
As notas que a mestrança já ditou.
A Juliana tem por companheira
Na obra que o reitor lhe fixou.
As notas lá as põe numa fileira
Em frente a cada nome e sem engano.
Não pode haver trabalho mais insano!

Canto I

XVII

Agora é o bom Tavares que vem surgindo
A mui funesta pasta sobraçando,
E na parede a põe com gesto lindo!
E junto à dita e para ela olhando,
Alguns dos estudantes vão sorrindo,
Porém vão-se outros já bem lamentando.
Uma vez mais os hão assim gatado
E o pranto que os desfaz, todo é baldado.

XVIII

Alguns crónicos já no reprovar
Por se verem passados se admiram.
Todos, os parabéns lhes vêm dar
Espantados e felizes do que viram.
Satisfeitos começam a cantar
Mas na secretaria as «feras» miram
Pois se p'ro ano se não agarrarem
É mais certo chumbados eles ficarem.

XIX

Dos crónicos alguns vou nomear
P'ra que o leitor os possa conhecer.
Por alcunhas e nomes vou tratar
Os cábulas famosos, a saber
O Rita que o Liceu há-de chorar,
O César com a «checa» de temer
O Mesquita também que todo ufano
O nobre nome tem de Marques Mano.

XX

«Jambone» e o seu «Bucéfalo» afamado,
O Trino do Armada bom amigo,
O Homero, o eterno reprovado,
Como o Jaime dos livros inimigo.
Marques Pires, o Pedante perfumado,
Tal qual o Lucas e o Petrónio antigo.
É preferível contudo aqui ficar
Para eu em mim próprio não falar.

Canto I

XXI

Vamos agora à malta estudiosa.
Ao tentar as alcunhas mencionar
(Daquela estudantada mui briosa)
Ante meus olhos passam a saltar
As notas que a tornaram tão famosa.
Exemplo bem difícil de imitar,
Mas Mendonça terrível, Lucas forte,
De todos é o chumbo a triste sorte.

XXII

No cimo desta lista tão honrosa
O de Alves Fernandes aparece.
A seguir, o da Zélia orgulhosa
Das notas que apanha e que merece
Depois o de pessoa estudiosa,
O João da Esquina, nome que não esquece.
Osvaldo, aluno muito esclarecido
E dono dum «penante» conhecido

XXIII

Barão da Baviera, o perseguido,
Depois o jovem duque de Belmonte.
Segue-se o Rui nos versos conhecido
Pois bebeu já da Beócica Fonte.
De outro o nome vem, que foi vencido,
P'lo Mendonça, que dá chumbos a monte.
E em seguida os menos importantes
Da dita lista de bons estudantes.

XXIV

Como os alunos são já conhecidos
Os seus feitos passamos a narrar.
Falemos dos heróis desconhecidos
Daqueles que me não farto de cantar
Se estes terminar e forem lidos
Verão que feitos são de admirar.
E cantarei p'ra que saiam da lama,
Espalhando pelo mundo muita fama.

Canto I

XXV

A fala dum aluno mau estudante
Antes porém eu quero descrever
Eis que indo em boas notas confiante
Sem medo a pauta fúnebre foi ver.
Em inglês gatado. Era o Brilhante
Pois claro, outro não podia ser.
Então a maldição tirou do peito,
Maldição que caiu no tal sujeito

XXVI

Oh! glória de chumbar, oh! triste sorte,
Assim atiças tu do ódio a chama.
Tu, Bicanças, tirano de má morte
Que só em gatar criaste fama,
Levarás no nariz um soco forte
Tão forte que parar irás à cama.
Agravado também terás um calo,
Além de coisas mais em que não falo.

Panto
Segundo

Canto II

I

Foram ditas as frases que escutaram
Mas que ainda não deram resultado.
Por enquanto o nariz não amolgaram
Nem o calo também está agravado;
Porém os fados rudes fixaram
Que esse aluno ficasse reprovado.
E desde então ele nunca mais passou
Só porque aquela maldição lançou.

II

A vida do estudante é de amargura,
Ao Liceu preso uma manhã inteira.
Mas muitas vezes tem também doçura
Isso dirá a malta companheira.
E quanta vez o povo nos atura
Na serenata, de noite, em barulheira.
E no fim vem depois distribuição
Do néctar de um grande garrafão

III

Mas como tudo tem começo e fim,
Pelo princípio vamos começar.
Não é pelo leitor, mas sim por mim
Que eu quero tudo muito bem contar.
A nossa «prima» festa foi assim
Resolveu Sua Alteza decretar
Que se cantasse em noite luarenta
Tendo a batina como vestimenta

IV

Todos demos dinheiro para a boda
A fim de comprar coisas de engolir.
Nove horas. No jardim a malta toda
Aguarda só a ordem de partir.
Rompe a marcha c'uma cantiga em moda
Cantamos alto para tudo ouvir.
E na rua se fez tal chinfrineira
Que acordámos a cidade inteira.

Canto II

V

Mas inda poucos passos eram dados
Quando um gorgolejar logo escutámos.
Ficámos um momento mui espantados.
Fizemos alto. Logo investigámos.
E num dos garrafões desarrolhados,
Um dos colegas a beber topámos.
E por estar escuro eu não sei quem seria;
Mas mesmo que o soubesse não diria.

VI

Passado estava já o incidente
E novamente a música tocava,
Mas o nosso colega descontente,
Olhava o garrafão e o chorava.
A música findou. Alegrementemente
A fila de tunantes caminhava.
Era tocada a marcha de Maconge,
Com voz tão forte que se ouvia ao longe.

VII

Do Colégio p'ras Maias nós passámos;
A janela vieram descerrar,
As músicas que nós lhes dedicámos
Tiveram o condão de as encantar.
P'ra a Rotunda partimos. Lá parámos
E a fim da garganta refrescar,
Distribuiu-se vinho à malta toda.
Assim começou pois, a nossa boda.

VIII

Comeu-se pão, chouriço e muitos bolos,
À mistura com coisas bem picantes.
Para empurrar bebendo quatro golos,
Cinco litros se foram nuns instantes.
Gorgolejando alguns faziam solos,
Com estalos e estalinhos bem cantantes.
Enfim! Foi tão intensa a animação,
Que muitos se rolaram pelo chão.

Canto II

IX

Veio por fim a ordem p'ra partir.
Rompeu a marcha. Todos mui direitos,
Um a um começámos a seguir.
Nós ao álcool não estamos muito afeitos,
Mas soubemos o vinho repartir.
E parámos no Gaio. Com trejeitos,
Entoa Emílio bela cantilena,
De alegre balar e letra amena.

X

O vinho, entretanto, fez efeito,
E por cambalear alguns começam,
Dizendo coisas vãs, sem nenhum jeito.
P'ra mencionar os nomes não me peçam
Porque seria um acto bem mal feito.
O que me interessa a mim que a rua meçam
Debaixo de grossura tão tremenda
Se de nada lhes vale a reprimenda?

XI

P'ras Mascarenhas vamos em seguida.
Cantando alegre marcha, sem engano.
O Mário Andrade, ao alto, leva erguida
A chapa que nos diz do sexto ano.
Osvaldo leva a vela corroída,
E a música alumia todo ufano.
Vai também o Cabinda, convidado,
Que toca bem guitarra e canta o fado.

XII

Da Lourdes p'ra Irene mui formosa
E para as Alexandres em seguida,
Ia seguindo a tuna já famosa,
Cantando uma canção enternecida
E logo a seguir marcha ruidosa.
A malta já na escuridão perdida,
Tentava andar um pouco mais ligeira,
Mas a isso se opunha a bebedeira.

Canto II

XIII

Prodígios de equilíbrio vai fazendo,
Tentando as vozes pôr na mesma altura!
Mas apesar das pernas ter tremendo,
Continua a manter a compostura.
Gilberto ao violino é estupendo!
Acaba de tocar a partitura!
E nos banzou ali de tal maneira,
Que quase nos passou a borracheira.

XIV

Depois de vários sonos perturbar,
De ouvir do Rita frases de ternura
Outras gentes nós fomos acordar,
Cantando em voz pastosa de grossura.
Mas quando no jardim ia a passar
A tuna, oh, que tristeza! Que figura!
Encontramos 'stendido o Armandinho,
Talvez por ter bebido pouco vinho.

XV

Todos falam, murmuram, sem olhar,
Para o estado tristíssimo em que estão.
E de novo voltamos a marchar
P'ra janela da prima do Falcão.
Depois de o seu sono despertar,
Tocámos à Cordália uma canção.
Cantou Rosário um fado (e muito bem)
Daqueles da sua terra: Santarém.

XVI

Não vou narrar agora o sucedido,
Depois de esta porta ter cantado,
Porque seria isso aborrecido,
E ficaria tão envergonhado
Como fiquei ali entristecido,
Ao reparar no lastimoso estado
Em que ficara a nossa bela tuna.
Desculpe-me o leitor esta lacuna.

Canto II

XVII

Já não tenho decerto inspiração
P'ra contar como o ano terminou.
Direi somente que bem poucos são
Os que a sanha dos mestres aprovou.
Mas desses não saiu a maldição
P'ra raposa que todos mordiscou,
Porque apesar de tristes bem ficarem,
Lauta ceia se fez p'ra se alegrarem.

XVIII

Depois duma soneca mal dormida
Por insónias cortada sem cessar,
A malta acorda triste e aborrecida
Por a labuta ter de retomar.
É dura e mui espinhosa essa vida
Daqueles que os lentes têm de aturar.
São lições, mil trabalhos, arrelias,
P'ras gatas evitar todos os dias.

XIX

Já no Liceu a «Tavarina» hora
Na sineta soou lugubrememente.
Entre a malta que há pouco inda cá fora
Por uma borla esperava avidamente,
De todos a expressão é de quem chora,
Pois ela se desfez rapidamente.
Nada mais há a fazer do que ir p'ra aula
Que é de todos nem mais que a cruel jaula.

XX

Na secretária o fero professor
Co'nome de Mendonça está sentado.
É p'ra nós o gigante Adamastor
Que ao Gama apareceu no mar irado.
Chama um aluno tremente de pavor,
Pois ali num instante é «degolado».
Triste sorte a daquele que num minuto
Por asneiar é nomeado bruto.

Canto II

XXI

Como outrora um nauta no seu lenho
Está hoje cada aluno na carteira.
Tremia aquele co'tempo fero e sanho,
Este geme ao largar alguma asneira
Mas a ambos não serve aquele engenho
Quando é chegada a hora derradeira.
Para o primeiro as vagas alterosas;
Para o segundo as lições bem custosas.

XXII

Vou descrever em traços mal pintados
O mestre que nos faz estremecer
De hercúleos membros, tão avantajados,
A força herdou de Rhódes ao nascer.
A face de sobrenhos carregados
O cinto na barriga a querer descer,
Nas aulas de Ciências se comporta,
Como raio que tudo fere e corta.

XXIII

Vem depois o latim aborrecido
Que se traduz somente a adivinhar.
O predicado em baixo está escondido,
Para o sujeito tem de se saltar.
Há ainda o pronome indefinido
E o advérbio para declinar.
Com tamanha mistura e barafunda,
Melhor é aprender a língua ambunda.

XXIV

A História que começa antes do mundo,
É terrível e enorme o calhamaço,
Que o Paiva Júnior com saber profundo,
Vai ensinando sempre a par e passo.
Com programa tão grande e tão jucundo,
Não sei como a cabeça não desfaço.
Com trajanos e Neros rancorosos,
Nós somos hoje alunos desditosos.

Canto II

XXV

A seguir é a Moral aborrecida
E a Literatura mui bisbilhoteira
Pois quer saber dos escritores a vida
Desde a nascença à hora derradeira.
Às vezes uma peta é bem metida,
E outras mais provocam galhofeira.
Nós desculpamos, pois, se assim não fosse,
O'studo era só rijo e nada doce.

XXVI

A Geografia então é bem terrível
Com nomes às centenas e aos milhões.
O estudo da Botânica é incrível,
Com tantos nabos, couves e feijões.
Depois a Zoologia onde é possível
Chamar aos chimpanzés nossos «irmões».
E temos que aturar bem pacientes
Este calvário atroz de penitentes.

XXVII

A Álgebra dá-nos muito que fazer,
Com senos e co-senos bem puxados.
Temos também ainda que aprender
Os métodos e leis bem engendrados.
O Walter dos alunos quer fazer
Filósofos à arte dedicados.
Mas como o Neves diz (e eu considero)
Que apesar disto apenas somos zero.

XXVIII

E andamos nós uma vida inteirinha,
A fio sete anos a estudar,
Para no fim a mísera notinha
Dum aspirante estarmos a ganhar.
Ficamos magros como magra espinha
Pois levamos a vida a aspirar.
Inda por cima os mestres carniceiros
Só querem que sejamos carroceiros.

Canto II

XXIX

Mas deixemos por hoje as desventuras,
Que as desventuras fazem-nos chorar.
Lancemos para trás as amarguras,
Pensemos na alegria e no gozar.
Lembremos as peelas muito duras
Que todos apanharam a cear,
Esta ceia com lábia corriqueira,
Vou relembrar à malta companheira.

Panto
Terceiro

Canto III

I

Aproveitando a bela camaradagem
Que os colegas do Huambo nos fizeram
Resolveu-se fazer uma homenagem
Àqueles que junto a nós aqui vieram.
Enviou então D. Caio uma mensagem
Aos nobres maconginos, os quais deram
Dinheiro p'ra uma ceia verdadeira,
Em honra feita a uma Nação estrangeira.

II

Foram o Vieira e a sua esposa Andreza
Que fizeram os festins tão delicados,
Pois notada por todos é a destreza
Desse belo casal em cozinhadros.
Foi servido o jantar em grande mesa
Que mil delícias deu aos convidados.
Antes porém eu quero apresentar
Alguns daqueles que estavam a cear.

III

Sócrates por todos conhecido,
Tem um nome por si já afamado.
Aluno muito esperto e entendido
P'los outros sendo querido e respeitado.
O Lara que História sabe de ouvido
Tão bem que conseguiu ficar gatado.
O Neves conhecido por João,
Poeta de elevada inspiração

IV

Temos ainda o Rei do bandolim
(João d' Almeida, filho de seu pai).
Depois o grande mestre de latim,
Carvalho, que entre todos sobressai.
E a seguir a estes vem enfim
O Rita que com tudo se distrai.
Há também o Carquejo perspicaz
Que com a pinga em riso se desfaz.

Canto III

V

Vê-se uma tola em forma de melão,
O que indica que o Hugo está presente.
E dentre toda aquela multidão
D. Caio sobressai já sorridente.
Ao lado deste o nobre cidadão
Barão da Baviera está contente,
Talvez por reparar quão bem regado
Viria a ser jantar tão afamado.

VI

Havia muitos nomes p'ra dizer
Mas não os vale a pena mencionar.
Melhor, muito melhor é descrever
O que D. Caio disse ao discursar,
Com formas que fez todos comover,
Deixando a multidão a palpitar.
Com gesto encantador e bem lançado
Começou o discurso há tanto esperado

VII

Vós, irmãos, de outra terra bem distante,
Por todos nós imensamente queridos,
Levai, na vossa alma radiante,
Os sólidos afectos já vividos,
De todos os que aqui estão neste instante:
De palmas, grande salva, os ouvidos
Com fúria atordoou, da malta ousada,
Que depois se lançou à caldeirada.

VIII

Por toda aquela mesa bem espalhados
Se viam muitos pães e muitos pratos,
E também muitos vinhos perfumados
Que às vezes às cabeças dão maus tratos,
Armando entre os que estão mal precatados
Terríveis e cruéis espalhafatos.
Pelo ar se evolou cheiro esquisito
De boa caldeirada de cabrito.

Canto III

IX

O Rita, pelo vinho comovido,
Tendo na voz tremuras soluçantes,
Quis discursar. Mas antes, um pedido,
Ele desejou fazer aos circunstantes:
Queria benevolência. E atendido,
Começou com palavras bem cantantes
Nem de Camilo ou Braga eu tenho a “verbe”
Pois sou moço ainda muito imberbe.

X

A vida é uma espinheira mui cerrada
Por onde têm todos de passar...
A malta tem de ser bem avisada
Para que nela se não vá picar.
Aqueles de quem a sorte está lançada
E que outro novo rumo vão trilhar,
Ouçam bem as palavras dum profeta
Se querem atingir depressa a meta.

XI

Naquela altura os vinhos espumosos
P'la cabeça começaram a subir.
E todos se sentiram venturosos
Comendo e conversando sempre a rir,
Nem pensando nos chumbos vergonhosos
Que estavam mesmo prestes a sair.
Os líquidos nos jarros não pararam
E muitos logo ali se embebedaram.

XII

Contou depois o Corte enorme história,
Desde os tempos remotos do Liceu,
Evocando o passado e sua glória
E tudo ali tão bem ele descreveu
Que ficou bem gravado na memória
De forma que a ninguém mais esqueceu.
Contou seguidamente uma chalaça
Que com cócegas só, metia graça.

Canto III

XIII

O Vitória depois foi convidado
A tomar a palavra num momento;
Ficou, mau grado seu, atrapalhado,
Fazendo uma figura de jumento.
Gaguejou e sentindo-se embuxado
De novo a retomar ia o assento;
Mas o Rita, rapaz de perspicácia
Pedi-lhe então p'ra falar de farmácia.

XIV

Calado estava o Sócrates sentado
Em frente a dois copitos, radiante,
Quando pelos presentes foi saudado.
Compelido a falar naquele instante,
Levantou-se com calma e, contristado,
Mostrando um certo ar cambaleante,
Apenas disse: Isto é o fim do mundo.
Deixem-me em paz pois já não sinto o fundo

XV

Depois de terem todos bem ceado
Alguns nem dar podiam cinco passos,
E outros condoídos de tal estado
Para casa os levaram em mil braços.
E agora que isto tudo foi contado
Com milhões e milhões de erros crassos,
Só desejo alegria à multidão
Bem como ausência de reprovação.

XVI

Como as musas começam a falhar
E a sombra de Camões a estremecer,
O poema é preciso terminar.
Que todo o macongino o venha a ler
Como D. Caio, o rei, vai ordenar
Com toda a sua força e seu saber.
Que a voz deste poema vá bem longe
Espalhando a eterna glória de Maconge.

FIM

Visto e pode circular
Nihil obstat

Paços Reais de Maconge, Bairro se Santo António, em Sá da
Bandeira, futura Cidade Universitária, Agosto de 1959, nas Festas da II
Confraternização da antiga malta do Liceu.

Sua Majestade Severíssima,

D. Caio Júlio César da Silveira IV

Maongiadas

Canto IV e V

Preambulo

Há muito se impunha a feitura e publicação deste IV e V canto das Maongiadas.

Uma actualização rigorosa seria difícil e fastidiosa para o leitor e até, quási impossível, pelo esquecimento do muito que aconteceu no Reino Maongino desde 1942 e que a memória traiu com o decorrer dos anos! Resolvemos, por isso, focar os pontos principais, dando assim, uma panorâmica que nos parece razoável, das transformações sofridas por Maonge, mormente as provocadas pela trágica e miserável «descolonização»!

Como amigo pessoal do Vice-Rei e como súbdito fiel que reconhece o valor daquele, estas estrofes não são mais do que um preito de homenagem! Que me perdoem se falhei! Que mais poderá dar um poeta senão os seus versos? Estes, pelo menos, foram escritos com o coração e resumam Amor, Saudade e Fraternidade, sempre o lema de Maonge, o nosso querido Reino de Fantasia e de Sonho, que nos unirá «ad-perpetuum», mesmo sabendo que Maonginos há

Uns pela morte afastados
Outros pela vida dispersos

Fevereiro de 1995

Rui Coelho

Canto IV

Canto IV

I

Desde então muitos anos já rolaram
Sobre nós mil desgraças se abateram!
Nenhum dos maconginos as narraram,
Nem tão pouco nenhuns as descreveram;
Ninguém com tinta e génio as relataram
- Dores e lágrimas que sempre bem esconderam - !
Por isso, uma vez mais aqui estou eu
P'ra contar como tudo aconteceu!

II

Sobre o reino caíra a letargia
Bem como já um certo esquecimento
Que se ia acentuando dia a dia
Imbuído de saudade e sofrimento!
Faltavam novo fôlego e energia!
Havia que trazer-lhe algum alento!
Em hora benfazeja ele apareceu
E logo, logo tudo renasceu!

III

O Carlos que é também Victória Pereira,
Por achar ser mais chique e de bom tom,
Mudou o nome da família inteira
P'ra ser antes, porém, Mac-Mahon!
Após alguns anitos de canseira
Resolvera voltar a porto bom,
Trazendo em vez da capa e da batina
Um canudo - doutor em Medicina!

IV

E numa jantarada de homenagem,
Co' o Saraiva, Fontoura e Rogério
O Carlos preparou esta mensagem
(Logo ali acatada bem a sério,
Aliás o que os maconges logo fazem,
Achando boa ideia tal critério):
Que os festins seriam repetidos
E, de vez para vez, mais concorridos!

Canto IV

V

A par de tudo, havia que lutar,
Num desejo par'cendo veleidade,
- E muitos se deixaram arrastar,
Varrendo lés a lés toda a cidade,
Como vento veloz sempre a soprar,
Num crescendo de força e ansiedade -
P'lo que era desejado e lhe faltava:
O Ensino Superior que a Huila esperava!

VI

O Rei fora forçado a abalar;
Sua função, até, diminuída,
Mas logo que os arautos foi escutar
Tratou de se empenhar e, de seguida,
Ceptro real tornou a empunhar!
A conselhos sagazes deu guardida
E com a «malta fixe» a aprovar,
Em 70 o Saraiva nomeou,
Vice-Rei que tão bem desempenhou!

VII

Este, então, de mãos livres, já liberto
Tratou de dilatar o reino seu!
Como era muito fino e muito esperto
Com mestria e saber o engrandeceu!
Criou à sua volta e deu bem certo,
Com um ardor que nunca feneceu,
Sobas fieis a quem deu mil sobados,
Novos Duques, Barões são nomeados

VIII

Que, pouco a pouco ergueram a nação!
A côrte até às damas foi aberta
Dando ao reino, afinal, maior expressão!
Quando a trica, que vem de parte incerta,
Começa a semear a confusão,
O melhor a fazer é estar alerta!
Em Luanda qu'ria o Rei a capital,
Decisão que por certo caiu mal!

Canto IV

IX

Devido à efervescência assim criada,
D. Caio, o Vice-Rei quis demitir!
Tal atitude por todos criticada
E que ninguém havia de aplaudir,
Tornou a Academia turba irada
Tal bomba preparada p'ra explodir!
Se do Rei o intento fosse além,
O reino ficaria sem ninguém!

X

Porém tudo acalmou quando o bom senso
Se sobrepôs aquela confusão!
D. César retratou-se e se bem penso,
O Vice-Rei agia com razão!
Depois deste período triste e tenso
De mágoas se limpou o coração!
Fez-se, depois, festejo bem bonito
Preparado p'lo Farrica no Lobito!

XI

Como era de prever, já de antemão,
Os velhos Professor's foram partindo,
Depois, de geração em geração,
Novos valores se foram exibindo,
Com mestres que deram sua mão,
Ao bom caminho a muitos conduzindo!
Maconge assim expandia a sua glória,
Mais umas linhas de ouro em sua História!

XII

Quer minuto a minuto, dia a dia,
Tant'outras aventuras se viviam,
Soprando um frenesim na Academia
Que todos experimentavam e sentiam
Num culto de Amizade e de Alegria
- A regra por que todos se regiam -!
De lés a lés bramiam fortes ventos
Tornando os Maconginos uns portentos!

Canto IV

XIII

A grandeza do Reino era exigente,
E forçava a criar a sua lei!
E foi assim que, quási de repente,
O nosso amado Caio – grande Rei –,
Impulsivo quiçá, também prudente,
Movido por si próprio e pela Grei
Ordenou a feitura co’atenção
Da base de uma sã Constituição. (*)

XIV

Mas houve novo embate, desta feita,
Estando o Vice-Rei com toda a malta,
Pois D. César tomara por desfeita
Que seu filho varão – tremenda falta –
Fosse afastado, longe da ribalta,
Se a morte, disfarçada de maleita,
Viesse p’ra cumprir o seu destino!
Mas seu filho nem era macongino.

XV

Depois de discussão e palratório
Achou-se que a D. Mário e a D. Silveira (**)
Só era permitido – obrigatório –
Concorrerem os dois de igual maneira!
Acabou-se por fim o falatório,
Acabou-se por fim, a chinfrineira!
Corrigiu-se, por isso, o que era mal,
Com decisão deveras curial!

(*) Nas Cortes Gerais de 1971, fez-se a aprovação da Lei Fundamental do Reino.

(**) D. Roberto Silveira já julgado e considerado Macongino Honoris Causa é, nas mesmas Cortes, elevado à categoria de Príncipe Real.

Canto IV

XVI

Também nestes debates se assentou
Que além destes, tantoutros, se quisessem
O trono que a celeuma levantou,
Podiam ocupar, desde que dessem
As provas que o passado alicerçou,
P'ra que, ali, as disputas logo cessem!
E, de novo, voltou a calma
Por todos recebida co' alegria!

XVII

Mas nem tudo era farra ou só Entrudo!
Havia muito mais do que a aparência!
Forçoso era criar bolsas de estudo
Para os pobres de viva inteligência!
Ajudar sim, ajudar mesmo em tudo,
Suprindo, se possível a carência!
Um lema a que Maconge não fugiu,
Um lema que, aliás, sempre cumpriu!

XVIII

Varrida por lufadas de bom ar,
Já se divisa enorme sementeira
Que o reino teimará em alargar,
Cobrindo, pouco a pouco, a terra inteira!
Outros, por exemplo, o Arrimar,
Mudaram-se p'ra China, tão estrangeira
E arrostando até com o que era mau,
São bem Maconge em solo de Macau!

XIX

O futuro, porém, fero e cruel,
Preparava p'ra nós - oh quem diria! -
Disfarçado de sonhos e de mel,
Arrotando à mais vã democracia,
A partida tão vil que conteria
O travo bem amargo que há no fel,
Roubando (que tragédia que isto encerra!)
Angola Portuguesa - a nossa terra! -

Canto IV

XX

Depois o caos, a guerra, o desvario
Caíram sobre o povo Macongino!
P'ra muitos, um caixão soturno e frio;
Mas outros, bafejados p'lo destino,
Apesar do tremendo desatino,
Puderam afastar o negro trio,
Talvez por ser diferente a sua sorte:
A fome, a Peste, sem faltar a Morte!

XXI

A trágica diáspora nasceu,
Embora em todo o mundo, mais aqui!
Mas Maconge, porém, não esmoreceu,
Por tudo o que já sei e p'lo que vi!
Mais desgraça nos ombros se abateu
Dando tristeza que também senti:
Morreu o Rei, de dor e de revolta!
Mas paira a sua sombra à nossa volta!

XXII

A dor, a pouco e pouco mais esbatida
Parecia como um sonho de mau sono;
Era preciso prosseguir na vida
E encontrar quem ocupasse o trono!
E nas Côrtes de Coimbra é decidida
Escolha de um rei activo e não um mono!
Como uma só voz se levantasse
Pediram ao Saraiva que aceitasse!
Todos queriam, num coro bem perfeito,
Que o Saraiva, monarca fosse eleito!

Obs. - O Rei faleceu em 1977 e as Cortes reuniram-se em Coimbra em 1978

Canto IV

XXIII

Este, porém, num gesto de humildade,
Não aceitou tamanha distinção!
Provou ser bem modesto e sem vaidade
Quando tomou tão sábia decisão:
Vice-Rei só, enquanto a sanidade
Da sua alma e corpo tem na mão!
P'ra governar o mundo macongino
Era capaz, sagaz, de muito tino!

XXIV

D. Roberto, talvez como excepção,
O trono de seu pai não quis tomar,
Declinando - que boa solução
Por tudo resolver, facilitar -
No outro candidato a votação
Qua a seguir se viria a efectuar!
Por isso, D. Saraiva volta à liça,
Figura alta, esguia e inteiriça!

XXV

Haveria um só Rei e mais nenhum!
Vice-Reis sim, assim ficou assente!
D. Caio era sempre o número um,
A figura de proa, o eminente!
Não existe acto algum, mas mesmo algum,
Que, em retrato, não esteja ali presente,
Parecendo que escutamos sua alma,
A todos transmitindo a sua calma!

Canto V

Canto V

I

Falo, agra, de Lady Anabela,
Lady Aiva, primeira do harém,
Que tem o Vice-Rei sob tutela,
Que ao pé do Vice-Rei parece bem!
Casal que, pelo reino sempre vela,
Apesar do seu paço em Santarém!
Que a Parca os olvide muitos anos,
Que não nos traga, já, mais desenganos!

II

O nosso Vice-Rei tem D. Olavo
P'ra seu braço direito e com razão!
Fez deste um seu amigo, não um escravo
E seu representante sempre à mão;
Mesmo nas horas de maior agravo
O Godinho lhe dá satisfação!
Agora falarei seguidamente
De outros por motivo bem diferente!

III

O Zito é o cantor e violeiro,
Já que não se fabrica o alaúde!
D. Patalim – o Bispo a «copo inteiro» -
Quando a beber nos reza pela saúde!
O Pipo especialista em cancionero,
Que não renova e trata como grude;
O Rui que há-de meter sempre o bedelho
Convencido que é gente, não Coelho!

IV

Da velha-guarda há vários vivos inda:
A Zélia mais o Mário, eternos ases,
Não desprezando a fama sempre infinda
De serem os melhores entre os capazes;
O Corte e o Oswaldo na berlinda,
A Alda, que era alta entre os rapazes
O César Paulo que calcou a lira,
O Jorge e o Ferronha, malta gira

Canto V

V

O Bentubo, careca e narigudo,
Mário Andrade e o Boi-Ápis preguiçoso;
O Zé Ninguém que negocia em tudo
Desde que ache o negócio proveitoso;
O Rui Seca, a sorrir nada sisudo,
Contador de aventuras que dão gozo,
O Cláudio, o Verânio mais o Pratt!
A memória já falta e mais não dá!

VI

Garotas adoráveis do meu tempo
Sois hoje mães, avós, mas sogras não,
Qua a bondade do vosso temperamento
Não permite tão negra aberração!
Sei qu'inda soltais mais do que um lamento
- Que faz doer bem fundo o coração -
A recordar o beijo que se deu
Com o vosso namorado do Liceu!

VII

Outras gerações se sucederam
Que deram a Maconge brilho eterno,
Páginas saudosas se escreveram,
Sempre prenhes de espírito fraterno!
Sabem todos quem são e conheceram
Já do tempo de antanho e hodierno:
O Pilhas, o Amaral, o Marques Pinto,
O Inês, aveirense - sou sucinto! -

VIII

Não podemos 'squecer o Ananaz
Que com a sua Mali, lá em Leiria,
Mostra à saciedade que é capaz
De organizar, da noite para o dia,
Uma farra que a todos satisfaz,
Cheia de cor, de graça e alegria!
Mas outros há, de idêntico valor,
Pois Maconge de génios conta um ror!

Canto V

IX

Torres Vedras – o Sérgio diligente,
Não dorme, sempre pronto a trabalhar!
E dentre tanta, tanta, tanta gente,
Ouro nome é forçoso recordar!
Seia uma injustiça, era indecente
Que aqui me esquecesse de indicar:
O Vinhas, residente no Seixal;
Nas festas que organiza é bestial!

X

São alguns exemplos a apontar!
Peço perdão pois inda há muitos mais
Que gostaria aqui de mencionar,
- Não cabiam seus nomes nos Anais –
Razão porque tive de encurtar
O rol de outros tantos, tão leais!
Não podia deixar – ficava mal –
De falar de Maconge em Portugal!

XI

A chama continua sempre acesa,
O facho continua a rebrilhar!
A malta está unida e bem coesa,
«Per sécula» se assim continuar!
Com vontade, com fé, sem tibieza
Para sempre os seus laços reforçar!
São prova, de uma forma bem cabal,
Leiria, a Parede e o Seixal!

XII

Apraz-me registar, com muito apreço,
Nas nossas reuniões, nossos repastos,
A presença de Mestres que conheço,
Alguns de anos cansados e já gastos,
- Que são da vida o seu eterno preço –
A Cerveira, o Simões e outros, fastos,
A Céu e o Higinio sempre afoito
Sem esquecer o Coutinho – o Binte e Oito! –

Canto V

XIII

Não só à comezaina se limita
Nossa Camaradagem e Amizade!
A sede de entreajuda é infinita,
Como infinita é a nossa saudade!
O Macongino sabe e acredita:
- Não é pura ilusão mas sim, verdade -
Se precisar, todos lhe dão a mão!
E conta em cada peito um coração!

XIV

Também somos felizes co' a certeza
Qua a saga de Maconge se propaga!
Existe sempre a taça em nossa mesa
Onde bebe o estudante. A sua paga
Limita-se à promessa, com firmeza,
De outros trazer, numa crescente vaga,
Transmitindo aos vindouros, o destino
Do que há de bom no berço Macongino!

XV

Há um marco a referir neste reinado,
Que se deve exaltar, enaltecer:
Viagem a Macau tão afastado,
Que fomos abraçar e conhecer!
O Vice-Rei mostrou o seu agrado,
P'la forma como sabem receber:
Com carinho, com pompa e circunstância,
De nostalgia eivados p'la distância!

XVI

Prestou-nos homenagem o Senado
- Leal Senado um nome conhecido! -
Tal gesto de lhaneza há calado
No nosso coração agradecido!
Visitas, culminando, dia entrado,
Com um lauto jantar e bem servido!
Sem querer ninguém ferir com desprimor,
P'ra o Victor, sua esposa o nosso Amor!

Canto V

XVII

Há tanto que dizer, mas para quê
Se o silêncio também tem a sua voz?
Pr' além do que se escreve e que se lê
Vale mais do que escondermos dento de nós,
Ou algo em que se pensa, em que se crê!
Recordai vossos Pais, vossos Avós,
A vossa infância, a Terra lá ao longe!
Fazê-lo é reviver sempre MACONGE!

RUI FERREIRA COELHO

(Príncipe dos Poetas do Reino e Duque da Hunguéria)

Fevereiro de 1995

2ª EDIÇÃO

Tip. MINERVA
Rua da Lapa, 25
Telef / Fax (052) 631643
Vila do Conde

Depósito Legal nº 87574/95